

A REVOLUÇÃO BRASILEIRA

Coronel Inf JOÃO PERBOYRE VASCONCELLOS FERREIRA
Oficial de Estado-Maior

1 — INTRODUÇÃO — O propósito do presente trabalho é apresentar o quadro geral ideológico da revolução brasileira de 31 de março. Dentro do princípio aceito de que a história se repete sem cessar — vamos tentar ligá-la, em seus aspectos gerais, ao próprio processo histórico humano que é o grande rio onde se agitam, crescem, se ajustam e se amortecem os conflitos.

Embora cada civilização tenha seu próprio desenvolvimento particular que a torna ímpar e inconfundível, há uma amarra que as liga tôdas a um centro geral de interesse que se chama evolução ou, se se quiser ser mais preciso, há em tôdas elas um apêlo, inarredável, de procurar cada vez mais instrumentos para a expansão do seu domínio sobre o mundo exterior e para a expressão o mais possível autêntica do seu mundo interior.

Certamente que não teremos tempo de dissecar o intrincado processo da revolução como teoria, mas poderíamos num *close up* fixar os caracteres comuns que a definem.

O estudo é assim válido embora impreciso.

Como o caminho social, do qual a revolução é um atalho brusco, já mereceu de inteligências lúcidas os mais diversos traçados, não vai ser grave o simplismo da projeção por nós apresentada que não é síntese e sim uma como *intuição* dos caminhos percorridos.

2 — GENERALIDADES — Em grandes linhas, a revolução é uma réplica violenta que o sentido ascensional da história de um povo opõe às cristalizações sustentadas pelos grupos dominantes nos terrenos religiosos, ou políticos, sociais e econômicos. Essas cristalizações são nomeadas genêricamente antagonismos — oposições à grande diretriz da história que de um modo geral representa a marcha de um conceito individualista, grupal da vida para um conceito mais social e universalista.

É lógico que êsse grande turbilhão histórico, onde fervilham interesses de todos os níveis, não avança como um todo ordenado. Formam-se no seu seio "redemoinhos sociais" parasitas que são os conflitos dos antagonismos locais divorciados da grande diretriz histórica, embora participe dela pela violência do ímpeto com que são movimentados. São mo-

vimentos revolucionários sem nenhum sentido ascensional, que servem às inquietações e anseios de grupos dominantes lutando por seus privilégios. São ações reacionárias ao grande curso de história do crescimento humano.

Dessa apresentação singela e desprezenciosa poderemos concluir por duas grandes séries de movimentos revolucionários:

- *Movimentos em consonância com o sentido social da vida;*
- *Movimentos dos grupos cristalizados, em busca do poder.*

3 — SÍNTESE DO QUADRO BRASILEIRO — A civilização brasileira formada tipicamente por colonização — ou se quiserem, filiada ao grande grupo das civilizações do mundo ocidental, tendo tomado, através de longo tempo, por empréstimo as conquistas tecnológicas e científicas desse mundo, apresenta-se amadurecida para seguir o seu próprio caminho.

Trabalha, contudo, dentro dela um sistema estrutural que reage ao empuxo histórico do século cuja mensagem é a predominância do geral sobre o particular, caracterizada no símbolo justiça social, objetivando o chamado bem-estar social.

Esse conflito natural e filho do próprio crescimento do nível da civilização nacional, e que é um indício da nossa maturidade, vem inspirando aos líderes das duas principais correntes ideológicas — comunista e democrática — várias soluções de compromisso.

Particularmente, cada solução determinaria, como é óbvio, a tomada do poder pelo grupo respectivo e, assim, a luta tingiu-se fortemente de uma luta por privilégios e pelo poder, embora escondesse um forte conteúdo ideológico sob a forma de programas.

Para responder àquele apêlo histórico já referido, uma bandeira indefinida e única, para ambos os partidos foi desfraldada: "Reformas de base".

Pode-se afirmar de antemão que se trata de uma bandeira certa e legítima com fundamento nas aspirações mais íntimas do povo brasileiro e por ser de difícil formulação, exigindo para isso quase que uma equipe de estadistas, tornou-se paradoxalmente fácil traduzi-la em jargão sob a forma de idéias definitivas e messiânicas, tão do gosto das mentalidades primárias.

A demagogia foi assim a retórica comum aos dois quadros ideológicos, numa tentativa de conquista do povo que, para a ala comunista, é o escopo principal da guerra revolucionária em que estava empenhado, e que, para a ala democrática, seria uma garantia da manutenção do *statu quo* fortemente acusado de antiquado e corrompido, contra o qual se levantavam as vozes das reformas. A solução para os democratas seria pro-

curar compensar êsses desacertos com um conceito embora impreciso de *liberdade*, termo de imensa latitude que pode significar desde a exaltação do egoísmo e da vagabundagem até a exaltação do grupo, transferindo a êsse totalmente o atributo de exercê-la, a prejuízo do indivíduo.

Em suma as duas técnicas comunistas e democratas unidas no mesmo afã de disputa da bandeira das reformas, em busca da justiça social permaneceram distanciadas, apenas, em torno do conceito de liberdade que passou a ser o símbolo autêntico da reação democrática, quando êsse conceito tendesse para preservar a *pessoa humana* contra uma idéia de liberdade gregária e antiindividualista.

a) Técnica Comunista

A técnica comunista, mais atrevida e organizada, infiltrou-se no Governo valendo-se, dentre outros fatores, da sede de poder do Presidente, dando-lhe um apoio incontestado através das bandeiras reivindicatórias que êle no seu primarismo acreditava que eram privilégios do comunismo e *made in Rússia*.

Desconhecia êle, infelizmente, a mais nobre fôrça que vem impulsionando a humanidade desde o seu berço, que é o espírito humano, com sua sede de evolução ampla e, particularmente, sede de uma convivência social mais justa, gerando, entre outros monumentos, o mais significativo de todos que é o monumento do direito, efervescente e grandioso, marcando com suas arremetidas, sempre para cima, a estatura real de uma civilização.

Iludido por uma falsa liderança foi o Governo ultrapassado pelos fatos, e transformou-se em humilde porta-voz dos comunistas e assim o vimos cair abraçado a um símbolo já vazio de poder.

Nesta rápida passagem pelo poder, os comunistas e seus colaboradores não tiveram fôrça para evitar a degradação do mesmo, através da corrupção desenfreada e, assim, os princípios austeros e idealistas de uma sã pontica social agitaram-se sem eco numa atmosfera bem mais real e primária do dinheiro fácil, das empreitadas de agitação a sôlido, descharacterizando completamente o movimento apregoado em proveito das massas.

Êsse paradoxo, no campo da ética, valeu para os democratas como uma vitória. A bandeira da corrupção mudou de mãos e os líderes amontoados pelas vantagens desfrutadas, como que aguardavam o dia 31 de março para debandarem como grupos de saiteadores surpreendidos por ação policial.

b) Técnica Democrática

O exílio do poder serviu aos democráticos para um reajuste de consciência e para reafirmação dos princípios nobres da democracia. Mal-

grado comprometidos, salvo honrosas exceções, com a onda de corrupção das últimas décadas, puderam murmurar com alguma contrição o seu *pecavi*.

Contavam por outro lado com a maioria do povo, fortemente identificado com seu próprio passado cristão e cômico de que os problemas sociais poderiam ser equacionados e resolvidos dentro da técnica democrática, sem violentar-lhe a cultura, ou seja, o seu comportamento social.

Os seus líderes mais esclarecidos sabiam que a história não faz necessariamente a revolução comunista ou a revolução democrática, que são apenas técnicas que ela maneja, e sim faz a evolução social no alto sentido de promover o bem-estar de todos.

A revolução, para a história, é um incidente que ela registra apenas contra a cegueira dos que não querem sentir o alto sentido da vida.

4 — REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO

A revolução de 31 de março representa uma vitória da técnica democrática.

Pregada e vivida nos lares e nas ruas, criou demonstrações maciças de opinião pública como a "Marcha por Deus e pela Liberdade", em São Paulo, que foi sem dúvida o 1º dia da revolução.

É uma revolução reformista pelo fato de ser revolução do povo que tão bem entende, por intuição, o momento histórico que atravessa.

E é uma revolução democrática porque se ateu nos métodos aos modelos democráticos e se conduziu sem radicalismo extremado na reformulação da nova ordem. Apenas ela aferiu, sem querer, a fraqueza da chamada ala democrática, sem representante à altura para conduzir os acontecimentos e que merecesse a confiança do povo e pudesse ser o timoneiro na fase difícil de reconstrução posterior. A solução imposta por essa deficiência, filha do desinteresse dos quadros políticos, como regra, pelo bem público, foi uma solução nos moldes carismáticos: um homem de exceção, com *status* suficiente para se impor à Nação, acima dos partidos, com a tarefa gigante de improvisar o Governo de uma nação onde as elites, no dizer de Toynbee, deixaram de ser criadoras e se distanciaram demais do povo ao ponto de não entender o desafio do momento e em consequência a resposta adequada!

Já agora que a revolução avança 3 meses, já se entrevê o desentendimento dessas elites procurando esconder-se no passado, ao passo que os grupos econômicos com representação maciça no Congresso tonificam o seu velho sonho de hegemonia, o que será a falência total da revolução.

Mas de um modo geral os resultados da revolução são irreversíveis, porque de fato ela foi um passo de evolução, dentro da história e segundo as características específicas do povo brasileiro.

Ela terá que lutar ainda:

— Contra os grupos subversivos que pretenderão introduzir uma técnica atritante com a alma nacional para a conquista dos objetivos nacionais;

— Contra os antagonismos políticos e econômicos que representam apenas a luta pelo poder de minorias privilegiadas, procurando dar-se ares de autenticidade revolucionária e amantes do progresso social, quando continuam por suas origens extrapopulares como filhas do poder econômico, como forças familiarizadas com a corrupção, como *redemoinhos* do grande movimento renovador brasileiro, reacionários à história e à legítima técnica democrática;

— Pela reidentificação do Congresso com o povo que representa.

CONCLUSÕES

- 1 — A revolução de 31 de março foi uma aspiração legítima do povo.
- 2 — Processou-se identificada com a cultura brasileira.
- 3 — Adotou os objetivos históricos do século.
- 4 — Tem como objetivo a reformulação democrática dos problemas brasileiros.
- 5 — Contra a opinião de muitos, não tem a preocupação ética de converter consciências, como se fôsse um serviço de catequese.
- 6 — Criou contudo um clima adverso aos nossos vícios políticos e pretende dentro do ideal democrático entregar a liderança aos melhores.
- 7 — Pode ser classificada, sem exagero, como um movimento ascensional em consonância com o sentido social da vida.



Guerreiro os dissidentes, mas sinto as suas desditas, o choro pelas vítimas como pai pelos seus filhos.

Caxias